

VISÃO DO CORREIO

Onda pessimista

Uma combinação de fatores adversos está na raiz das atuais trepidações no mercado financeiro. A determinação do Banco Central de antecipar os ajustes na contabilidade dos fundos de investimentos (FIFs) surpreendeu e espalhou nervosismo entre investidores. Antes, estava fixado prazo até final de setembro para converter o valor de face dos títulos em carteira pela cotação do mercado a cada dia. A imposição imediata da iniciativa se tornou necessária para tornar visível o verdadeiro patrimônio das entidades, agora posta como base para remunerar as inversões.

Muitos investidores tomaram a direção do mercado cambial como forma de prevenir prejuízos em face das novas regras do BC. Ao mal-estar dominante entre aplicadores e instituições financeiras, veio juntar-se a sensação de insegurança causada ao setor pela intervenção na Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Preví). A entidade administra aplicações da ordem de R\$ 38 bilhões. Participa do controle acionário de alguns complexos econômicos transferidos à iniciativa particular em consequência do programa de privatização de empresas estatais.

Outro fator indesejável desabou no cenário para torná-lo ainda mais turbulento. A desconfiança na economia ganhou o mundo com o aumento do risco Brasil para 1.064 pontos, 6,3% acima da

cotação válida 24 horas antes. É a avaliação do banco norte-americano J.P. Morgan. Significa que a colocação de papéis brasileiros no exterior será gravada 10,06 pontos percentuais acima das taxas de juros pagas pelos títulos T-Bonds de trinta anos emitidos pelo Tesouro americano.

Têm peso específico na formação de tantos indicadores perversos as incertezas sobre o cenário político que surgirá das eleições presidenciais. Tanto capitais estrangeiros quanto nacionais temem alterações de rumo no futuro governo, seja qual for sua vertente ideológica. Expectativas de mudanças políticas causam sempre inquietações nos mercados. Por todo o conjunto desfavorável, o Brasil se encontra em dificuldades para rolar a dívida pública pela colocação de títulos de longo prazo.

Diante da conjuntura, não é de admirar que a cotação do dólar sofra pressões e as bolsas observem desempenho irregular. Há seis meses, o Brasil experimentou fase semelhante, empurrado pela crise argentina e disfunções na economia norte-americana. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, à época como agora, sustenta a firme convicção de que não há motivos para desespero. Há, diz, fundamentos econômicos capazes de suportar o tranco. Convém ao BC, contudo, acionar alguns instrumentos capazes de favorecer controle mais eficaz da situação. É preciso sustar o fluxo do pessimismo.